

Beyond Gillette.

"The third blade is invisible.
It belongs to me."

FERDINANDO FREGA

NANDO THE SCRIBE

THE GILLETTE QUADRILOGY • VOLUME IV

NAPLES-POST.COM

ALÉM DA GILLETTE

THE COMPANY · 12

O quarto volume da Quadrilogia Gillette: um gerente contratado para dirigir uma funerária napolitana que acaba receitando aparelhos de barbear Gillette aos mortos, depois o seu próprio funeral de agasalho esportivo, um Além com balcões de check-in e procedimentos de integração, os funerais de cinco bilionários observados como consultor e um último pedido para renascer na América — com assinatura na entrega.

COLOFÃO

Ferdinando Frega — Nando, o Escriba — A Quinta Lâmina

Pioneiro narrativo do Código de Comportamento. Construiu um ecossistema editorial de um dólar em torno de uma única ideia: as finanças não têm um problema de dinheiro. Têm um problema de comportamento.

Editado e com curadoria dentro do ecossistema **ONEDOLLAR-STORIES**. Arquitetura digital: **NAPLES-POST** · **NOASPECTTIME** · **ONEDOLLAR-STORIES.** Publicado pela primeira vez em 2026. Composto em uma diagramação tipográfica limpa e moderna, otimizada para a leitura digital. Publicado nos Estados Unidos.

AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

© 2026 Ferdinando Frega. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em resenhas críticas e de alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. O uso, a reprodução ou a distribuição não autorizados desta obra são proibidos.

NOTA EDITORIAL

Este é o quarto e último volume da Quadrilogia Gillette.

de Ferdinando Frega — Nando, o Escriba.

A sequência completa:

Volume I — Três lâminas. Uma Gillette. (2026) naples-post.com

Volume II — Brand Narrative Gillette. (2026) naples-post.com

Volume III — Gillette impossível. (2026) naples-post.com

Volume IV — Além da Gillette. (2026) naples-post.com

Este volume não encerra a narrativa. Remove a última parede.

ANTES DO PRIMEIRO CORTE

A maioria das pessoas passa a vida tentando ser aceita por sistemas que não construiu. Sistemas corporativos. Sistemas editoriais. Sistemas sociais. Sistemas familiares.

Elas se adaptam. Negociam. Esperam ser reconhecidas.

Eu nunca tive essa paciência.

Minha vida foi moldada por três lâminas.

A primeira pertencia a um homem que transformou uma ideia descartada em um dos nomes mais reconhecíveis da história moderna: **King Camp Gillette**.

A segunda pertencia ao meu pai — quarenta anos dentro da The Gillette Company — que me ensinou que a disciplina não grita; ela calibra.

A terceira é invisível. Pertence a mim. Corta indústrias, identidades, países, fracassos, sucesso, escrita, silêncio — e sistemas que ainda não sabem onde me colocar.

Este livro não é uma celebração do sucesso. Não é um livro de memórias. Não é um manual de negócios. Não é literatura em busca de aprovação.

É o registro do que acontece quando um homem para de perguntar a que lugar pertence e começa a construir estruturas que obrigam a realidade a reconhecê-lo.

Alguns nomes vendem produtos. Alguns nomes desaparecem. Alguns nomes deixam marcas muito tempo depois que a mão se foi.

Esta é a história de três lâminas. E de por que um nome nunca foi suficiente.

O TRABALHO

O trabalho nunca me assustou, nunca me deixou infeliz. Eu brincava com quem sofria: *"Se bater a vontade de trabalhar, pula em cima de mim."* Um jeito de exorcizar a infelicidade deles e de lhes mostrar que, para mim, o trabalho era só entretenimento pago.

Eles me olhavam e não entendiam. Eu estava sempre sorrindo, sempre feliz, mesmo quando, no papel, trabalhava vinte horas por dia. O cansaço era um luxo que ainda não tinha vindo me buscar.

Com o tempo, entendi por quê: um avô que era mineiro, um pai que vendia sem nunca parar, e eu — o produto dos genes deles. Eu não poderia ter saído diferente.

Nas minhas manifestações diárias, expansivas e ruidosas, eu declarava que trabalhava para a melhor empresa do mundo. As pessoas não entendiam, e eu não conseguia explicar. O dinheiro era só uma consequência de uma atuação diária entre teatro e problemas — o primeiro fazia você pensar, o segundo obrigava você a resolver.

Assim, rodei o mundo, mais de sessenta e cinco países. Minha vida de consultor e assessor ocupava todas as horas, menos as da noite. Até que um dia minha filha me pediu que voltasse para casa, na Itália.

Como eu podia dizer não. Era 2020. No instante em que pus os pés dentro de casa, o telefone tocou — prefixo de Milão. Uma voz de mulher: *"Aqui é a dra. Musolino, da MERCURY URVAL. Temos o seu currículo. Um cliente nosso procura um perfil como o seu. Qual é a sua disponibilidade?"*

"Desculpe", eu disse, "acabei de voltar da América do Sul e não tenho certeza de ter entendido qual é o seu trabalho."

Ela riu, brilhante, afiada, e passou para o espanhol: *"Yo busco la cabeza por un trabajo. ¿Entiende?"* Respondi: *"Claro que sí."* Nós dois rimos.

"Quando podemos fazer uma videochamada?" "Marque no Zoom e me mande o link. Sou pontual. Sou sério." "Sabemos que o senhor

é sério. O senhor é filho do Grupo Gillette. Trabalhamos com eles durante anos. Mas o senhor nunca passou por nós." "Eu não sabia que vocês trabalhavam lá. Boa oportunidade para conhecê-la agora. Aconteça o que acontecer, vai ser um sucesso."

Desliguei. Minha filha franzia a testa. "O que foi?" "Pai, você é casado. Acabou de entrar e já está falando com outra mulher?" "Giorgia", eu disse, "o pecado não acontece quando se fala. Só quando se deita."

Rimos.

A VIDEOCHAMADA

Apareci bem-vestido: barbeado, limpo, relógio, camisa azul-clara, gravata azul... e só de cueca por baixo. Minha mulher tinha levado minha calça para algum lugar da casa e eu não conseguia abrir a mala para pegar outra.

Fazia calor. Sinceramente, eu não estava preocupado. Estava convencido de que ela nunca veria nada abaixo da minha cintura. Pelo menos, era o que eu pensava.

A chamada começou. Ela me apresentou a empresa: uma multinacional napolitana que atuava em toda a Europa, três filiais, 176 veículos, quase 120 funcionários. Precisavam de um gerente para comandar o canal dos merchandisers e a força de vendas.

Batia com as minhas competências. Mas, quando perguntei em que setor eles atuavam, ela riu.

"Podemos nos tratar pelo nome?" "Claro." "Eu sou a Marta." "Eu sou o Nando."

"Eles são líderes de mercado no setor funerário. O slogan deles é: *'Se você morrer, o seu valor de consumo aumenta.'"*

Não pestanejei. Eu precisava entender o que os merchandisers tinham a ver com os mortos.

O verdadeiro trabalho se resumia assim: **responsável pela disposição visual da exposição post mortem.**

Não entendi. “Desculpe, o que eu tenho que fazer?” “Você coordena a equipe que coloca os mortos nos caixões, os veste, os limpa e garante que fiquem apresentáveis para a família.”

“E a parte interessante é o dinheiro”, ela acrescentou. “Se você aceitar, o primeiro mês é de 12.500 euros mais despesas. Sem contrato. Só recibo.”

“Por que sem fatura?” “Boa pergunta. Eles tiraram essa palavra do vocabulário. A maioria dos falecidos, segundo as famílias, foi vítima de *‘fatture’* — feitiços, não impostos. Então, por favor, não fale em faturas.”

“Local de trabalho?” “Você escolhe: Nápoles, Barcelona, Londres. Pode começar em três dias.”

Pensei: gerenciei os vivos a vida inteira. Que trabalho podem dar os mortos?

Despedimo-nos. Eu lhe disse que iria para Nápoles. Ela mandaria os detalhes por e-mail. Eu não precisava lhe pagar nada.

“Por que não?” “Hoje é por minha conta. Da próxima vez que você estiver em Milão, me convide para jantar. Mesmo casada, por uma noite eu vou ficar completamente livre para você.”

Levantei-me, achando que a chamada tinha terminado. Ela ainda estava on-line. Viu-me de cueca.

Ela explodiu numa gargalhada. “Espero que você não esteja pensando em trabalhar assim. Eles não estão preparados para

pagar tanto a você — nem para ver um gerente de cueca."

A ENTREGA

Cheguei à Estação Central de Nápoles. Um homem de paletó preto e quepe segurava uma placa: **sg. FREGA MAN… AGER.**

Onde eu estou?

Ele me cumprimentou. "Primeiro precisamos fazer uma entrega, depois vamos para a sede."

Entramos num Mercedes 300 CDI — versão funerária. Minha mala de rodinhas ficou na frente. Não havia espaço atrás: o caixão estava lá. A nossa entrega do dia.

Paramos na residência do falecido. Uma mulher disse: "Não, o morto não está aqui a esta hora. Vocês vão encontrá-lo no número 38. Aqui é o doze."

Nada de Cinecittà. Os Bairros Espanhóis. Pobreza, crime, ironia, sobrevivência.

Comecei a rir. Eu sabia que seria uma experiência única. Impossível contar às pessoas — nunca iam acreditar em mim.

No endereço certo, antes de descarregar o caixão, o motorista perguntou: "O morto está aqui?" A mulher respondeu: "A festa é aqui."

"Mas, antes de descarregar, preciso saber se pagaram o caixão", ela acrescentou.

Ele ligou para a empresa. Confirmado. Um caixão de *classe reverse*.

Não entendi. No carro, perguntei a Paolo, o motorista: “O que quer dizer reverse?”

Ele me olhou. “É como os notebooks recondicionados. Um caixão recondicionado. Um ano de garantia. Pegamos de outro depósito funerário, limpamos, trocamos o forro, higienizamos e pusemos de novo no mercado.”

“E a vantagem?” “A família paga metade do preço. Economiza. Em Nápoles, eles ligam para essas coisas.”

A SEDE

Uma casa à beira da estrada, com um campo enorme em volta. Dois galpões ao lado. Toda noite o mesmo caminhão, o mesmo motorista, a mesma hora, entregava caixões vazios. Aquilo me fez pensar — mas não me preocupou.

Conferi uma etiqueta: *Made in Austria*. Falsa. Origem verdadeira: a doze quilômetros dali, **SECONDIGLIANO.**

Maurizio, o dono, me levou para um B&B. Uma quitinete pequena, funcional. Uma camareira polonesa jovem, gentil e obesa, que observava, mas não falava.

Cumprimentei-a em polonês na manhã seguinte. Ela se derreteu.

Minha mulher ligou. Não lhe contei nada sobre o espetáculo. Só que era um trabalho sério. E eu sempre dou tudo de mim. Trabalho não é brincadeira.

Nunca deixe o camponês saber como o queijo é bom com peras.

Às 2h da madrugada, Paolo bateu à minha porta. “Precisamos ir. Uma entrega. O senhor tem que dar as instruções do seu trabalho.”

Ninguém tinha me dito qual era o meu trabalho.

Poucos quilômetros. Um homem de setenta e dois anos. Infarto. Precisava ser vestido, limpo, preparado para as fotos.

“Como fazemos a barba dele?”, perguntaram.

“Usem um Gillette DESCARTÁVEL.” Eles não tinham. Mostraram-me um aparelho de barbear Gillette que chamavam de *a enxada*. Onde diabos eu estou.

Estavam prestes a usar um sabonete para fazer a espuma. “Por que vocês não usam espuma de barbear?”

“Usávamos PRORASO. Oferta exclusiva: o de 600 ml pelo preço do de 200 ml. Economizamos. Quando acabou, voltamos ao sabonete.”

“Vão comprar uma loção pós-barba da SÉRIE EMULSIONI. Sem circulação, o álcool não adere à pele. Esta, sim.”

Para a roupa, a família tinha providenciado o terno do casamento. Usado nos dois dias mais importantes da vida de um homem: o casamento e a morte.

Filosofia popular por toda parte. A lógica é substituída pela necessidade. É por isso que os verdadeiros gerentes não ficam nos escritórios — vivem no território, onde a realidade respira.

Na volta, outra ligação. Outra casa. Um homem de quarenta anos, câncer.

“Como fazemos a barba dele?”, perguntou a nova equipe.

“Vão ao mercado. Comprem um MACH3 ou um FUSION GILLETTE. Um homem da idade dele merece um conforto sem prazos, para onde quer que vá. E arranjem um gel de barbear Gillette. Eu mostro para vocês — um pouco na ponta dos dedos e ele sobe como chantili.”

Eles seguiram as instruções. As famílias ficaram felizes. E percebi: mesmo depois de deixar a Gillette, eu continuava vendendo os produtos dela. Não conseguia evitar. A mãe está sempre comigo.

NO DIA SEGUINTE

Cada dia parecia uma peça de teatro com atores diferentes. Para os vivos, a morte parece estática — não é.

Uma mulher veio ao escritório. A mãe dela, já idosa, tinha acabado de morrer. O pedido dela me surpreendeu, mas não me chocou.

A falecida tinha oitenta e três anos, e os pelos das pernas tinham voltado a crescer com força. Antes de fecharem o caixão, ela queria que a mãe fosse depilada.

Mandei a equipe feminina. Elas estavam prontas para usar aparelhos de barbear masculinos num ritual feminino — dois mundos que raramente se encontram, que muitas vezes colidem.

Até os anos 90, as mulheres usavam as lâminas dos maridos. Depois o mercado criou produtos para mulheres. Por que não criar novos hábitos culturais?

Disse a Vanessa que fosse à loja mais próxima e comprasse DESCARTÁVEL AGILITÉ — aqueles que nós vendíamos — ou VENUS GILLETTE, além da espuma SATIN CARE.

Tudo foi feito com perfeição. Depois de sete dias, a empresa tinha resolvido o seu maior problema: a **informação**.

No sábado à noite, as equipes fizeram fila para receber. Eu também estava na fila. Depois saí da fila, fui embora e voltei para casa, para a minha família.

Eu tinha dado àquelas pessoas o meu conhecimento. E decidi que ele não devia ser pago. Quando uma coisa é feita para o bem, o dinheiro não tem razão de existir.

Porque eu sou assim.

Nando

MEU PRÓPRIO FUNERAL

Eu sempre tinha preferido faltar aos funerais. Lembrando as pessoas pelo que tinham sido, e não pelo jeito como tinham sido encaixotadas e despachadas, eu me sentia mais digno. Mas desta vez não pude deixar de comparecer. Era o *meu* funeral.

Seis pobres-diabos carregaram o caixão. Minha filha recusou o clássico terno preto e, em vez dele, me vestiu com um agasalho esportivo. “Para onde quer que você vá, tem que ficar confortável”, disse ela. Tênis incluídos. E o meu celular, habilmente colocado numa bolsinha. Um kit de piquenique para o Além.

O carro funerário era razoavelmente confortável, embora o amortecedor traseiro esquerdo precisasse de uma ajuda séria. A cada buraco, meu testículo esquerdo escapava da cueca. Não havia luz dentro do caixão, então eu não conseguia ajeitá-lo. Uma brisa de ar fresco na escuridão da eternidade.

Na entrada da igreja, me colocaram sobre quatro vigas de madeira. Minha única preocupação: tinham me posicionado direito, ou eu ia sair rolando como um saco de batatas? Então me lembrei: eu já estava no chão da vida, morto.

O padre falou. Algumas verdades, muitas invenções. Depois, o desfile de gente lendo coisas sobre mim. Até que uma velhinha se

aproximou, beijou o caixão e perguntou: “Posso dar um beijo nele antes de vocês colocarem lá dentro?”

Uma amiga se levantou e disse: “Meu marido sempre me pedia a mesma coisa antes de colocar lá dentro. Um último beijo.” Ahahahah.

Fim da cerimônia. Só eu e o motorista seguimos para o cemitério. O endereço estava escrito direto no caixão: *Cemitério de Condera, ala mortuária, lote quarenta e cinco, fase 23, segundo andar, primeiro nicho*. Impossível errar. A humanidade tinha evoluído: nada mais de alas masculinas ou femininas. Só mortos. Eficiente.

Ele me entregou, acenou e foi embora. E eu pensei: *E agora, o que eu faço?*

Duas senhoras — mortas havia alguns anos — passaram e me convidaram para uma pausa para o café enquanto o Conselho do Sindicato Funerário aprovava as novas regras para os recém-chegados.

Eu estava curioso, mas cansado. Um novo papel, um novo ativo, algo para aprender, para que o mundo pudesse dizer uma coisa só:

Eu estava curioso, mas exausto. Estava morto havia menos de um dia e já estavam me dando papelada. Até a eternidade tinha procedimentos de integração.

Nando

ALDILA’ STREET, NOVA YORK

Na noite antes de tudo acontecer, comi meio pesado. Pimentões fritos com batatas, um joelho de porco de um quilo, duas taças de vinho tinto e — só para fechar com elegância — uma tigela de salada de feijão borlotti.

Era 7 de maio de 2058. Eu tinha só noventa e três anos, mas não aparentava — quer dizer, não fazia propaganda disso. Um calabrês de verdade: reservado, não misterioso. Esse era o meu jeito de ser. Esse era eu.

Ahahahah.

Então aconteceu: vi meu corpo ainda deitado na cama, e eu estava fora dele, olhando. Fui até a escrivaninha para ligar o computador e escrever uma história — fazia isso havia tanto tempo que tinha virado o meu passatempo favorito. Mas minhas mãos já não comandavam os elementos visíveis.

Eu estava morto. Estava a caminho do Além.

A primeira pergunta que me fiz não foi quem eu ia encontrar, nem como chegaria lá. Não. A única coisa fixa na minha cabeça era: **como as pessoas que me conheciam iam reagir à minha partida?**

Eu já conseguia imaginá-las.

“Já não era sem tempo.” — Os que sempre tinham me aguentado.

“É um dos truques dele.” — Os pessimistas.

“Outro jeito de narrar a vida dele.” — A turma do WordPress.

As IAs não reagiriam de forma alguma.

Parentes e amigos? Já tinham cruzado essa fronteira antes de mim. Eu só estava indo atrás deles.

Uma mão no meu ombro sinalizou que alguém tinha vindo me buscar. E começamos a voar — ou pelo menos foi o que eu pensei. Mas não como os pássaros, não como os aviões, não como nada que jamais tenhamos imaginado. Nada de asas de anjo, nada de

ascensão de cinema. Tudo aquilo era só o formato que tinham nos vendido.

A passagem foi bem diferente.

Virei-me para olhar a mão no meu ombro, e já estávamos na casa nova.

Melhor que a FedEx entregando encomendas. Ahahahah.

Um homem na entrada fazia o check-in, e eu tinha o meu número para entrar.

Aqui, a máquina de “pegue sua senha” tinha sido abolida. Qualquer coisa parecida com uma fila representava o diabo, e os únicos representantes permitidos eram os que tinham feito esse trabalho em vida. Nada mais.

Chegou a minha vez, e a frase de boas-vindas foi:

“Ah, não, finalmente conseguimos trazer o senhor até aqui. Doze vezes, doze tentativas. Quem é o senhor?”

Ninguém em especial. Só alguém que você não espera.

Nando

CONTINUAÇÃO I

Pois bem, eu tinha chegado a este lugar, conhecido apenas pelos filhos da viúva — pelo menos quando eu estava vivo. Mas e agora, o que devia acontecer? Que acontecimentos? Eu procurava o CEO, mas não conseguia encontrá-lo.

Uma mulher passou, bem-vestida, muito educada. Não parou. Deixou um bilhete dobrado na superfície mais próxima e seguiu andando.

Abri. Sala. Horário. A Sala Pioneira, 11h.

Nenhum mapa. Eu já tinha as ferramentas.

Só o último período da minha vida — apenas 35 anos — estava sob análise. Tive sorte. O resto das cagadas que eu tinha feito já tinha prescrito. Eu não ia precisar justificar nem explicar nada.

Não sei dirigir, nada de carro, nada de caminhar — mas me vi dentro da sala. E quem é que eu encontro sentado em volta da mesa do conselho?

Aposto que você nunca vai acreditar, nem se tentar.

Sou eu, com 5 anos. E comecei a chorar — não de emoção, mas porque não conseguia entender como tinha chegado ali, nem com que idade.

Uma pergunta conhecida ecoou:

“Você se lembra de quando eu te perguntei se estava disposto a viver até os 93?”

“Sim”, respondi.

“E depois, quando perguntei se você estava pronto para sofrer vendo seus entes queridos partirem antes de você?”

“Sim”, respondi.

“Você continua extremamente coerente. Eu disse isso ao CEO, mas ele não acreditou em mim. E agora não sabemos onde alojar você.”

Dante escreveu a Divina Comédia, mas não previu a sua categoria. Nem Bezos, com a Amazon, conseguiu. E o Google ficou fora do ar por quase 30 anos.

“Entendemos perfeitamente, mas nos dê tempo. Pedimos que você fique em standby.”

Standby. Achei que fosse um termo de marketing. Depois me perguntei se também era uma posição do Kamasutra. Estávamos no Além, e eu ainda não tinha estudado essa expressão.

Nando

CONTINUAÇÃO II

Aqui o tempo funciona de outro jeito. Percebi isso quando tentei contar quanto tempo eu já estava esperando e descobri que o número não parava de mudar de direção.

Depois, uma voz — desta vez não a dela. Só uma voz, vinda de nenhum ponto da sala.

“Sala 2. 13h.”

Não perguntei como chegar lá. Eu já tinha as ferramentas.

A comissão tinha se reunido para decidir o que fazer comigo. Depois de uma longa sessão, proferiu o veredito:

“O senhor tem mandato oficial para criar a versão ETERNIDADE de ONEDOLLAR.STORIE. ALDILA.’ Com uma condição.”

“Que condição?”

“Antes que o senhor publique, precisamos ler as histórias.”

Eu já tinha vivido algo parecido, mas este era o último lugar onde permanecer. E eu tinha que tomar uma decisão com calma.

Então perguntei: “O que eu ganho em troca?”

“O que o senhor quer?”

“Só 1 USD.”

Nando

CONTINUAÇÃO III

A certa altura, me perguntei por que eu não sentia fome, por que não tomava banho, não fazia a barba nem cumpria a minha rotina matinal de sempre. Como fui burro — ficou óbvio na hora: eu não tinha corpo, então o que é que eu devia manter?

Não se via mais ninguém. Mas é que todos eram simplesmente reservados, e por trás de cada alma havia uma missão que eles não alardeavam.

Então o teto falou. Ou o chão. Aqui a direção é irrelevante.

“Frega.”

E eu respondi: “Com licença, mas, se o corpo se foi, como vocês conseguiram manter o sobrenome?”

A voz retrucou, irritada: “Se já não conseguimos classificar o senhor, nem colocá-lo em lugar nenhum, o senhor quer que apaguemos a única referência que temos? E então, como vamos identificá-lo?”

“Está bem. Digam o que eu posso fazer por vocês.”

“Recebemos o aviso de que, nos próximos sete dias terrenos, alguns dos bilionários mais famosos chegarão aqui.”

“De visita?”, perguntei.

“Aqui não fazemos Participação Acionária, nem Wall Street Eternidade. Só uma OPA de vez em quando, mas isso não diz respeito ao senhor. Eles vêm porque chegou a hora deles. Mas

precisamos da sua consultoria como supervisor funerário. O senhor deve observar e relatar o que as pessoas dizem e pensam deles depois da morte, e como se comportam."

"O que vocês me oferecem por essa operação?"

"O de sempre: 1 USD."

"Desta vez, não."

"Então o que o senhor quer?"

"Renascer pobre, como antes. Mas desta vez na América de verdade. Sem erros."

"Por quê?"

"Existe uma coisa de que sinto falta mais do que de tudo na Terra."

"Das mulheres?"

"Não."

"Então do quê?"

"Do cheiro dos bueiros quando o vapor sobe. Aquilo é a minha casa. Aquele é o meu lugar."

Nando

CONTINUAÇÃO IV

Entregaram-me a lista, e fiquei sinceramente surpreso que todos esses bilionários tivessem morrido juntos. Como eu ia narrá-los um por um? Seria preciso estar dentro do Fundo Monetário Internacional, e por isso pedi uma exceção: um relatório de cada vez.

E, por motivos pessoais, eu começaria pelo tio Warren — ele tinha sido dono da minha Gillette, eu lhe devia essa cortesia.

Depois passaria aos outros. Mas o que você está prestes a ouvir é peculiar, e ensina uma coisa só: não passamos de um recipiente temporário, não somos um tempo que contém alguma coisa.

- **funeral de Jeff Bezos** → dinheiro, poder, legado, mídia
- **funeral de Bill Gates** → tecnologia, controle, filantropia, inteligência
- **funeral de Elon Musk** → culto à personalidade, caos, fãs fanáticos, Marte
- **funeral de Warren Buffett** → velho capital, sucessão, silêncio
- **funeral de Donald Trump** → espetáculo total, facções, circo midiático

Boa leitura.

Nando

CONTINUAÇÃO V

Funeral de Warren Buffett → velho capital, sucessão, silêncio

Foi realizado a portas fechadas. Esperavam apenas um punhado de pessoas — afinal, com a Berkshire ele não tinha sido nada além do recipiente de alguns homens que detinham muito dinheiro, e nunca tinha realmente dirigido uma empresa comercial, pelo menos não diretamente.

Quem inevitavelmente encheu a sala foram jornalistas e imprensa, uns dois colegas, dois amigos de verdade, parentes e a inevitável secretária de toda a vida — aquela com quem ele nunca dormiu. Todos prontos para agarrar uma vírgula e transformá-la em artigo, em nota, em evento dentro do evento. Por sorte, nenhum deles tentou escrever um livro.

O tio Warren, como sempre, tinha se antecipado a todos. E quando ele falava, todos escutavam — do jeito que se escuta um avô que reúne os netos e conta a eles sobre os animais da savana com detalhes microscópicos. Só que a savana dele era o seu escritório no Nebraska, e quase ninguém sabia disso.

Alguém, sussurrando sem mexer os lábios, perguntou a quem estava ao lado se fazia sentido manter aquela ação ou vendê-la — um instinto sem cura. E o conselho do mestre era sempre o mesmo: se você não está disposto a ver seu dinheiro perder valor no mercado, fique em casa e guarde-o debaixo da cama. Ele vai perder valor de qualquer jeito, mas pelo menos você sempre vai saber o que restou.

Durante a homilia do padre, chegou uma carta — de apenas algumas horas antes — e ele fez questão de lê-la pessoalmente:

Nunca vamos esquecer você. Você foi e continua sendo o índice das nossas vidas, e seus ensinamentos já foram transmitidos às novas gerações. Porque você é, e sempre será, o homem que disse: se está chovendo lá fora e você quer recolher água, nunca saia com uma peneira.

Adeus, tio.

Nando

Construído pela Gillette. Ainda seu sobrinho leal, tio Warren.

CONTINUAÇÃO VI

Funeral de Elon Musk — culto à personalidade, caos, fãs fanáticos, Marte

Eu esperava uma multidão maior. Em vez disso, encontrei executivos que pareciam quase aliviados — como se Elon tivesse sido uma refeição difícil de digerir, um prato pesado que voltava à boca o tempo todo. Um pobre homem com dinheiro demais. Essa era a manchete silenciosa.

Nas conversas sussurradas, o mesmo refrão: a mãe dele — modelo, faxineira — e como o destino tinha coroado o Garoto como o homem mais rico da Terra, e mesmo assim ele nunca teve uma mulher fixa a quem deixar tudo. Híbrido, como a empresa dele. Metade gênio, metade falha.

Os jornalistas estavam lá, claro. O circo midiático nunca perde um funeral com potencial de audiência. O ritual era o de sempre — câmeras, murmúrios, o cheiro de flores molhadas.

Mas o padre... o padre foi a verdadeira reviravolta da trama.

Quando falou de Elon, ele disse: “Ele era um amigo leal. Uma vez me ajudou a trocar a bateria do meu Tesla e me deu 2% de desconto. Graças àquele momento, eu me tornei padre. E é por isso que estou aqui com ele hoje.”

Não sabíamos se devíamos rir, chorar ou chamar um psiquiatra. Porque bem naquele momento **Sam Altman** irrompeu — olhos vermelhos, voz embargada —, se jogou sobre o caixão e gritou:

“Seu filho da puta. Você me processou pedindo 130 bilhões de dólares. Você perdeu. E nem me deu a satisfação de ler o veredito para você.”

Entre as coroas de flores, uma se destacava: um único cravo enviado da Casa Branca. Ninguém nunca descobriu o remetente. Ou todos sabiam e fingiam não saber.

O Twitter dele — transformado em X, transformado em enigma — era a sua assinatura. Marcou-o no dia em que nasceu e no dia em que partiu.

Nando

CONTINUAÇÃO VII

Funeral de Jeff Bezos → dinheiro, poder, legado, mídia

Afirmo com absoluta serenidade que este foi o funeral que mais me intrigou — não pelo **dinheiro**, não pelo **poder**, não pelo **legado**, não pela **mídia** — mas porque a gestão centralizada nunca tinha permitido nenhuma projeção em direção ao número dois do império, um homem que tinha falhas financeiras e fiscais espalhadas pelo mundo e que era vigiado pelos governos e tolerado apenas por causa do alto número de pessoas que empregava em suas infraestruturas.

Mas essa falta de clareza também se refletia dentro das contas — nunca certas, nunca documentadas —, que traziam referências e números, mas nunca documentação comprobatória.

E assim, na frente editorial, tinha começado um pequeno êxodo literário rumo à independência, que afirmava *melhor poucos e seguros do que muitos e duvidosos*.

Mas as pessoas dentro da igreja estavam distraídas, falando de outros funerais de outras pessoas, e meu ouvido captou um grupo de mulheres dizendo: *"Vocês ficaram sabendo? O escriba italiano*

também morreu — aquele que escreveu AMERICA e falava as línguas do mundo, os famosos 225 idiomas. Aquele que todas nós amávamos porque dava sem pedir dinheiro em troca."

Bem, aquilo me impressionou. Era um daqueles **sucessos póstumos** que os humanos costumam não reconhecer de imediato e com efeito imediato. Basta que uma mulher não se esqueça de você — e então o vírus começa.

Sobre Jeff, o padre disse: *"Nós dois estávamos ficando carecas. Ele por escolha, eu também."*

Boa viagem.

Nando

CONTINUAÇÃO VIII

Funeral de Donald Trump → espetáculo total, facções, circo midiático

O Grizzly americano — era assim que eu o chamava — conseguiu, mesmo morto, continuar no centro. Uma criatura nascida para os holofotes, incapaz de dar um passo para o lado, mesmo quando a cortina já tinha caído.

Tínhamos vivido anos incomuns. Ele esticou a América para além das suas próprias fronteiras, transformou cinquenta estados em cinquenta estados mais duzentas e sete ambições, e depois recuou. Um raro ato de contenção — ou apenas o destino parando para respirar.

Houve o capítulo venezuelano, quando Maduro caiu numa cena que parecia mais cinema do que história. Depois o breve fascínio

pela Groenlândia. Depois o Oceano Índico, como se ele seguisse uma bússola particular que só ele sabia ler.

Ele sempre movia o horizonte um pouco mais adiante, mesmo quando ninguém pedia.

Entre as coroas de flores, uma se destacava — um único cravo. Sem o nome do remetente. Ou ninguém sabia, ou todos sabiam e escolheram o silêncio.

O Twitter dele, transformado em X, transformado em enigma, era a sua verdadeira assinatura. Marcou-o no dia em que ele entrou na sala, e de novo no dia em que saiu.

Adeus, senhor presidente.

Nando

CONTINUAÇÃO IX

Funeral de Bill Gates → tecnologia, controle, filantropia, inteligência

As fortunas na vida não se constroem — elas são **aceitas** e depois **administradas** com a pegada certa. Bill era exatamente isso: uma oportunidade bem usada, um jeito de ser que se torna um estilo, uma classe, algo que simplesmente não dá para esquecer.

Nunca vou esquecer a primeira vez que o encontrei fora do campus. Eu não sabia quem ele era, ele esbarrou em mim sem querer e, como eu era jovem e burro, estava prestes a bater nele. Mas ele — previdente, atento, um homem de virtude e de cognição afiada — olhou para mim e disse: *"Garoto, pague duas cervejas, estou sem dinheiro."* Então peguei vinte dólares, e a moça tirou a foto.

Que **filho da puta** — só fui descobrir anos depois quem ele era.

Entrar no funeral dele me deu a sensação de entrar numa reunião de família, só que eu não fazia parte da herança dele, e nunca tinha tido nenhuma ambição em relação a ela. As pessoas não paravam de sussurrar quem ele era, o que ele era, e por trás daquele seu ar calmo e contido havia um homem cuja generosidade ia muito além do visível.

Durante a homilia, o padre disse: *"Graças a ele, digitalizamos a igreja, e agora as confissões são gravadas em segredo e enviadas diretamente ao Papa."* Um murmúrio tímido se espalhou entre os presentes — até que ele acrescentou que estava brincando: *"Elas não vão para Roma. Vão direto para a CIA."*

Os jornalistas estavam excepcionalmente educados. Muitos tinham trabalhado para ele, e todos pediam silêncio sem parar, porque, dentro daquele tempo suspenso, **o caixão de Bill estava falando**.

Adeus, meu amigo.

Nando

NOVA YORK — EPÍLOGO

No fim, tudo se fecha assim: sem fanfarra, sem aplausos, sem ninguém acompanhando você até a porta. Só você, seu nome escrito em algum lugar e um corredor que se recusa a terminar.

Saber o que as pessoas dizem quando você morre é um privilégio que ninguém deveria ter. Estraga a ideia romântica do fim. Mostra a você que a verdade sempre chega tarde, quando já não serve para nada.

Andei entre os caixões como um funcionário do Além, com a tarefa de redigir um relatório que ninguém jamais vai ler. E quando finalmente chegou a decisão sobre mim, não hesitei: **escolhi voltar como mulher.** As mais fortes, as mais afiadas, as mais estratégicas. Elas deixam o mundo chamá-las de fracas só para ver quem cai nessa.

Depois me perguntaram onde eu queria renascer. Não os deixei terminar: **América.** Qualquer estado, qualquer cidade. Eu só queria uma garantia: que, desta vez, o envio fosse administrado por profissionais, e que na entrega pedissem uma assinatura.

Assim, saberei que cheguei de verdade. Ao lugar onde viverei, e onde morrerei de novo. Com a mesma calma, a mesma ironia, o mesmo passo curto de sempre.

Fim.

Nando

NOTA

"Tínhamos uma coisa em comum — e não pense tolamente que era o dinheiro. Estávamos todos mortos, mas só os que contaram a história nunca seriam esquecidos."

Ferdinando Frega